

EMIKO JEAN

SEGUNTEIRA

UM SONHO  
em  
Tóquio



**EMIKO JEAN**

UM SONHO  
em  
Tóquio

Tradução

RAQUEL NAKASONE

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

# Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

A família imperial

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

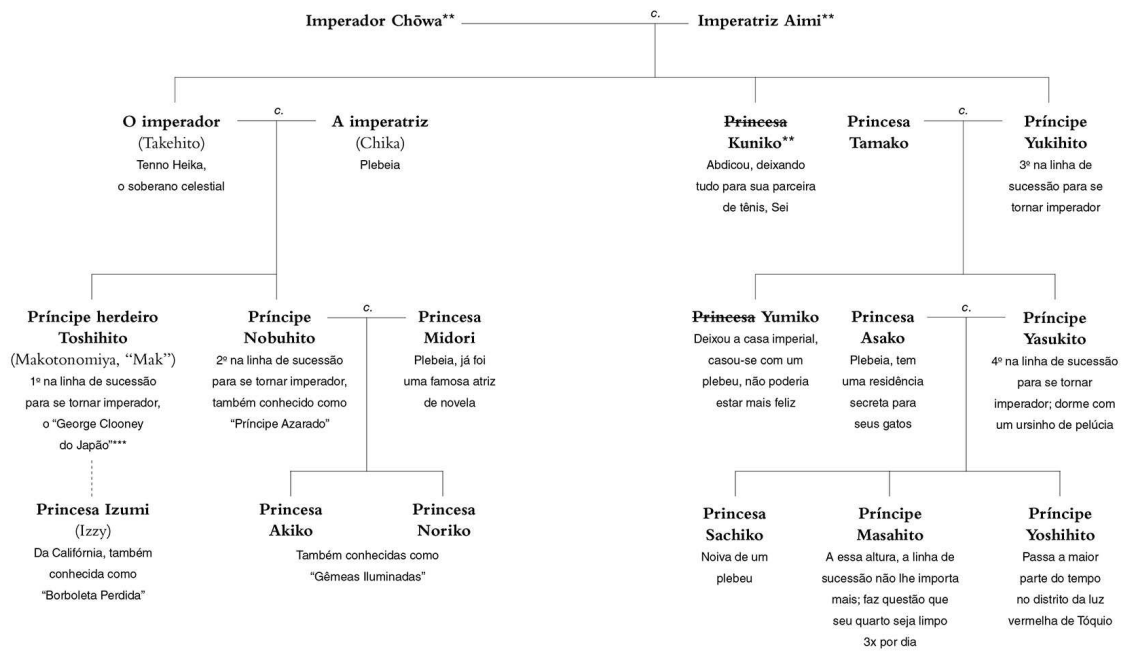
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34

*Agradecimentos*

*Sobre a autora*

*Créditos*

# A família imperial\*



\* genealogia comentada e não oficial

\*\* já faleceu

\*\*\* antes de se casar com Amal e ter gêmeos

*Para todas as garotas que existem por aí.*

*A vida é um poema.*

*Espero que vocês o escrevam.*

# FOFOCAS DE TÓQUIO

## EDIÇÃO ESPECIAL DE VERÃO

### O amor está no ar!

---

**21 de agosto de 2022**

Foi um daqueles momentos piscou-perdeu. No começo da noite passada, a mesma multidão de sempre se espalhava pelas ruas depois de uma apresentação de *bunraku* no Teatro Nacional. Um casal atravessou a aglomeração e entrou depressa num sedan preto parado na calçada. Eram sua Alteza Imperial o Príncipe Herdeiro Toshihito e seu novíssimo par romântico, a estadunidense Hanako Tanaka, mãe da filha bastarda do príncipe, S.A.I. a Princesa Izumi. O casal assistiu à apresentação em assentos comuns. Nem os que ocupavam os lugares mais próximos faziam ideia de que o príncipe herdeiro estava no meio da plateia.

Trinta dias atrás, a sra. Tanaka chegou ao Japão discretamente em um voo comercial, carregando uma mala velha comprada no Walmart e Tamagotchi, o cachorro de estimação de S.A.I. a Princesa Izumi, um vira-lata de procedência desconhecida (muito diferente do shiba inu puro-sangue de que a imperatriz tanto gosta). “O cachorro e a dona estão destruindo o palácio”, um funcionário imperial confessou. “A sra. Tanaka se recusa a deixar qualquer empregado atendê-la. O animal é uma ameaça e cheira mal.”

O príncipe herdeiro assumiu a segurança de sua amada, preferindo veículos sem identificação e visitas surpresa a escoltas policiais ostensivas para circular em locais públicos. As bandeiras imperiais que costumavam anunciar sua chegada já não existem mais, e as viagens rigidamente pré-programadas da Agência da Casa Imperial agora são coisa do passado. O casal demonstra ser bastante afetuoso, andando de mãos dadas e sussurrando no ouvido um do outro em público — uma violação *admirável* do protocolo imperial.

Não é nenhum segredo que a Agência da Casa Imperial gostaria que o príncipe se casasse e gerasse um herdeiro para dar continuidade à linha de sucessão. Mas entre as candidatas nunca havia alguém como Hanako Tanaka, uma estadunidense sem

vínculo algum com as antigas famílias aristocráticas japonesas e que, do alto dos seus *quarenta* anos, já passou longe da idade fértil.

Pouco se sabe sobre a sra. Tanaka além do fato de que ela conheceu o príncipe herdeiro em Harvard. Ele estava lá para estudar e praticar inglês em um intercâmbio de um ano, enquanto ela cursava biologia com uma bolsa de estudos. Apesar do diploma de uma instituição da Ivy League, a sra. Tanaka atualmente leciona em uma faculdade comunitária que não tem processo seletivo.

“Eu não entendo”, a blogueira imperial Junko Inogashira disse. “O príncipe herdeiro poderia escolher qualquer uma. *Qualquer uma.*”

Mesmo assim, o príncipe herdeiro deixou suas preferências muito claras. “Sua Alteza Imperial é bastante temperamental em relação à sra. Tanaka. As coisas precisam ser do jeito dele, senão não tem conversa”, um funcionário do palácio relatou. “O príncipe herdeiro está enfeitiçado.” Pelo visto, tão enfeitiçado que chegou a quebrar a tradição ao permitir que a sra. Tanaka permanecesse no território imperial — ou melhor, *na própria casa dele*. A Agência da Casa Imperial afirma que a informação é legítima: “A sra. Tanaka está hospedada no palácio, mas em um aposento separado para hóspedes”.

S.A.I. a Princesa Izumi tomou nota das escolhas do pai e resolveu seguir seu exemplo, tendo solicitado apenas um guarda imperial para acompanhá-la e um pequeno veículo sem identificação para ir a encontros românticos com seu ex-guarda promovido a namorado, Akio Kobayashi. *Como se não bastasse*, inspirada pela mãe, ela tem usado calças em vez dos vestidos em tons pastel que as mulheres da realeza costumam usar.

É impossível ignorar que todos os três — o príncipe herdeiro, a sra. Tanaka e S.A.I. a Princesa Izumi — estejam torcendo o nariz para as tradições imperiais.

“A Agência da Casa Imperial espera que ambos os relacionamentos não perdurem e conta os dias para o retorno da sra. Tanaka aos Estados Unidos e para a partida do sr. Kobayashi para a Escola de Candidatos a Oficiais da Força Aérea de Autodefesa. Eles acreditam firmemente que a distância vai esfriar o coração do príncipe herdeiro e da princesa Izumi.”

# 1

Uma vez por ano, no fim de agosto, a Gangue das Garotas Asiáticas faz uma reunião. A presença é obrigatória e a pauta é definida previamente. Trata-se de um evento fechado; apenas quem jurou cumprir os cinco acordos da GGA está autorizada a participar:

1. SCL — sempre coma lanchinhos.
2. Segredos tornam nosso vínculo mais saudável. (Uma de nós escreve *fanfic* dos Jonas Brothers. Uma depila os dedos dos pés de todas. E outra entupiu tão feio o vaso sanitário da escola com um absorvente que uma empresa desentupidora teve que ser chamada. Depois disso, a diretoria ainda foi convocada a fazer uma reunião-exclusiva-para-estudantes-que-menstruam para falar sobre o descarte adequado de produtos de higiene — sou eu; essa garota sou eu.)
3. Devemos motivar e encorajar umas às outras.
4. Minhas roupas são suas roupas.
5. E, por último, eu faço se você fizer.

Olho para minhas três amigas — Noora, Glory e Hansani — na tela do computador. É a primeira vez que fazemos nossa reunião

anual em locais separados, espalhadas pelo mundo em diferentes fusos horários.

São oito da noite aqui na longínqua Tóquio, sem dúvida o local mais distante de casa. Estou no meu novo quarto no Palácio Tōgū, onde tudo é claro ou em tons terrosos naturais, e poderia facilmente aparecer em alguma matéria sobre estética japonesa na *Architectural Digest*. Em Nova York, onde Noora está, o dia mal começou. Ela chegou à cidade não tem nem uma semana e está instalada no alojamento da Universidade Columbia. É mais cedo ainda para Glory e Hansani: quatro da manhã (elas tiraram os menores palitinhos quando estávamos decidindo o horário). Ambas estão na Costa Oeste. Glory foi visitar o pai em Portland antes de seguir para a Universidade de Oregon amanhã. E Hansani continua em Mount Shasta, mas no momento está em um restaurante vinte e quatro horas porque mora no meio do mato e o pai se recusa a pagar uma empresa para instalar internet em casa. Ela vai se mudar daqui a uns dias para a Universidade da Califórnia, em Berkeley. Essas três, minhas melhores amigas, são sempre as pessoas mais inteligentes da área. Não há nada que essas garotas não possam fazer. Juro por Deus, Glory sabe até eviscerar um veado. O futuro delas está garantido.

E o meu?

Bem, estou tentando resolver umas coisas. Meu mundo deu uma cambalhota e parou de ponta-cabeça quando descobri no meio do último ano escolar que meu pai era o príncipe herdeiro do Japão. Virei princesa do dia para a noite. É difícil acreditar, e eu ainda estou em fase de adaptação. Basicamente moro em Tóquio (tirando uma breve passagem por Mount Shasta depois que meu relacionamento

com meu guarda-costas bombou na mídia). E meu único objetivo tem sido conhecer melhor o meu pai. É isso.

Mas...

O sr. Fuchigami, camarista do palácio e soberano implacável, tem espalhado catálogos de universidades japonesas de elite em praticamente todas as salas por onde costumo passar. Ele até me convenceu a fazer uma visita à Universidade de Tóquio amanhã. Nada menos que o lugar onde meu pai e meu avô, o imperador, se formaram. Sem pressão. Só que não.

Sinto que estou andando nas sombras da realeza. Mas estamos longe de chegar a um acordo. E eu deixei claro que estou considerando minhas opções. Então a pergunta é: tirar um ano sabático ou começar a graduação? A resposta: eu não sei. Cada escolha representa um caminho diferente. Fazer faculdade no Japão me levará mais além na esteira rolante da vida de princesa. O ano sabático, para o caminho contrário — eu seria a primeira princesa em cem anos que *não* saiu da escola direto para a universidade.

Pego Tamagotchi em sua caminha fedida ao pé da minha e enfio a cara em seu pelo duro. Ele se esquiva do meu abraço e se acomoda mais para baixo na cama. *Cachorro bobo*. Tudo o que eu quero é amá-lo e ser amada de volta. Mas tenho que admitir, ele anda meio desorientado desde que chegou ao Japão e passou pela quarentena de catorze dias.

Um garçom se aproxima de Hansani e lhe serve mais café. Ela envolve a xícara fumegante com as mãos, dizendo para o garçom, com um sorriso sem graça:

— Obrigada. Desculpe por estar aqui há tanto tempo. Prometo que vou te dar uma boa gorjeta.

Ele responde que ela pode ficar à vontade pelo tempo que precisar.

Hansani é assim. Ela emana uma energia que diz vou-cortar-seu-gramado-de-graça. É adorada por pais e mães. Ela espera o garçom se retirar e olha diretamente para a câmera, sussurrando para a gente:

— Eu não tenho dinheiro nem para este café. Precisamos encerrar a reunião logo.

— Estamos quase acabando — Noora responde.

Atrás dela, há um calendário com post-its fluorescentes. Ela já está se dedicando a seus cronogramas e anotações; é seu porto seguro.

Até agora, discutimos: primeiro, como vamos manter contato enquanto estivermos em diferentes estados/ países e diferentes fusos horários — a temporada de mensagens de texto está aberta; quem estiver disponível deve responder. Segundo, todas concordamos que devemos apoiar emocionalmente uma à outra durante essa transição. Terceiro, quando poderemos nos encontrar — para a nossa tristeza, só no próximo verão. Mas Noora vem me visitar no Japão nas férias de inverno. Vou poder bancar a anfitriã e mostrar a ela os pontos turísticos de Tóquio.

— Falta conversarmos sobre uma última coisa — Noora diz.

— Bobagem — Glory resmungo. — Não precisamos falar sobre o quarto item da lista. — Ela se recosta na cadeira e cruza os braços.

Noora olha feio para Glory.

— O último item da pauta é...

— A gente não vai gastar os últimos minutos da reunião listando quais filmes deveriam ser regravados com casais gays — Glory

interrompe.

Ela vira o rosto e fala, entre dentes:

— *Titanic*.

— Pra ser sincera, passei bastante tempo pensando sobre isso. Eu fico com *Dirty dancing* — Hansani diz. — Aquela cena do rio? Fala sério.

Um movimento no corredor chama minha atenção.

— Meninas, detesto cortar essa conversa revolucionária, mas preciso ir.

— O quê? — Noora reclama. — Ainda nem apresentei a minha indicação. Eu tinha preparado um ensaio de cinco páginas pra justificar minha escolha, *Diário de uma paixão*. — Ela mostra sua pilha de papéis.

— Amo vocês. — Sopro um beijo para elas. — Mas vocês estão todas erradas. A resposta certa é *Orgulho e preconceito*. — Fecho o notebook e levanto depressa da cama luxuosa, seguindo para o corredor com Tamagotchi logo atrás de mim.

Minha mãe vira, assustada.

— Izumi? Ah, oi. Pensei que estivesse com Akio.

— Ele vai chegar daqui a pouco. — Observo-a com atenção. Tamagotchi senta e se contorce para lamber as próprias patas. — O que está fazendo? — O único quarto depois do meu é o do meu pai.

Ela coloca a mão no peito, como se estivesse surpresa e ofendida.

— Eu? O que estou fazendo? — pergunta, claramente tentando ganhar tempo. — Nada. Estava indo pro quarto do seu pai. Ele queria me mostrar uma coisa... hã, hum, uma planta?

Contraio os lábios e cruzo os braços.

— Está me perguntando ou me contando?

Ela leva a mão à cintura e bufa.

— Não preciso me explicar pra você. Se eu quiser fazer...

Estico a mão.

— Em nome da minha saúde mental, pode parar por aí. — Tento pensar em coisas broxantes. Beisebol. Cultivo de trigo. Meia com chinelo.

Esta é a segunda vez que ela vem a Tóquio. A primeira foi em junho, quando estávamos lidando com uma semicrise (por causa daquele escândalo todo com o meu guarda-costas). Apesar de todo o caos, ficou óbvio que ainda havia uma faísca entre meus pais. Assim que viu que eu estava sã e salva, ela voltou para casa com a promessa de vir mais vezes. Fiz uma campanha pesada para que ela viesse logo. “Vamos passar o verão juntas em Tóquio. Você não vai estar dando aula mesmo. Diz que sim. Diz que sim. DIZ QUE SIM.” Claro que ela disse que sim. Chegou na primeira semana de julho. Fui pegá-la no aeroporto com meu pai. Assim que a vi, saí correndo.

“Ai”, ela soltou quando a espremi até quase arrancar sua alma fora. Depois que nos afastamos, meu pai fez uma reverência. Ela fez o mesmo. “Mak”, ela falou, sem fôlego, chamando-o pelo apelido da época da faculdade. Vem de Makotonomiya. “Hanako”, ele respondeu com um sorriso reservado. “Estou muito feliz de vê-la novamente.”

Quando chegamos nos arredores de Tóquio, a mão dela já tinha atravessado o banco do carro para segurar a mão dele. E aquela pequena faísca se transformou em uma pequena fogueira. Ela pretendia se hospedar em um hotel perto, mas a imprensa logo ficou insuportável. A segurança passou a ser uma preocupação — tanto a

dela como a minha. Ficou decidido então, basicamente pelo meu pai, que ela se hospedaria no palácio. Um quarto de hóspedes foi preparado em uma ala separada. Por fim, ela estendeu a viagem de duas para três semanas, e então para o resto do verão.

E aqui estamos.

Desde então, meus pais têm se comportado como completos delinquentes apaixonados — é um inferno em chamas. Com direito a caminhadas no jardim e jantares intimistas em cantinhos discretos. Já até os peguei namorando na despensa. E agora isso, um encontro tarde da noite. Quer dizer, não tão tarde, mas já são oito horas. Praticamente a mesma coisa. No final das contas, tem sido uma viagem ver minha mãe, sempre tão pragmática, ficar vermelha, soltar gritinhos e simplesmente jogar a cautela para o alto. Estou feliz por ela. E por mim.

Temos uma rotina agora. Nós três tomamos café da manhã juntos. É o que eu sempre sonhei. Sentar à mesa, conversar sobre nosso dia — para onde pretendemos ir, quem vamos ver, o que precisamos fazer, e então seguirmos com nossa vida. Meu pai e eu, para as nossas obrigações imperiais. Minha mãe, para leitura e descanso, já que está de férias. Voltamos a nos reunir para o jantar quase toda noite. E se continuamos à mesa depois que tiram os pratos, meus pais me presenteiam com histórias dos seus tempos de estudantes. Contam como se conheceram na festa de alguém no último ano. Como meu pai foi buscar uma cadeira para minha mãe porque pensou que os pés dela estivessem doendo.

— Foi por causa dos sapatos que ela estava usando. Quando vi aquelas solas grossas, pensei que ela tinha a mesma condição que

meu tio-avô, que usava sapatos parecidos — ele disse com um sorriso murcho.

— Eram saltos plataforma. — Minha mãe franziu o cenho. — Comprei porque me deixavam mais alta.

Abri um sorriso largo, com as palavras “falem” e “mais” cintilando em meus olhos.

Meu pai se virou para ela.

— Você ficou muito irritada comigo.

— Pensei que estava sendo grosso de propósito. Você me ofendeu e depois nem me olhou nos olhos — minha mãe respondeu, se inclinando para ele.

Era como se eles fossem naturalmente atraídos um pelo outro, como a maré na praia.

— Eu estava tentando ser cavalheiresco e não ficar encarando. Eu a achei... absolutamente fascinante — ele disse, encantado.

Momentos como esse são um bálsamo para uma dor que está sempre presente. Quando pisco, vejo o retrato de família que desenhei no segundo ano do ensino fundamental, com minha mãe, eu e um borrão roxo no lugar do meu pai. Engulo em seco. Pensei que bastaria saber quem meu pai *era*. Mas não bastou. Ainda sinto um vazio. Quero que a gente fique junto. A família toda.

Desde ontem, essa dor parece ter dobrado de tamanho. Minha mãe comprou as passagens de volta para Mount Shasta. Vai embora em cinco dias, pois precisa chegar antes de as aulas começarem na Faculdade de Siskiyou, onde leciona biologia. Estou tentando não sofrer demais pensando na saudade que vou sentir, na saudade que meu pai vai sentir com sua partida.

De repente, seus olhos se acendem ao ver algo atrás de mim.

— Akio — ela fala afetuosamente, um pouco melosa demais. —  
Olá. Que bom ver você.

Viro. Ele está na entrada do corredor. Por um momento, apenas o observo, apreciando a imagem. Um metro e oitenta de pura perfeição. Ombros largos. Maçãs do rosto esculpidas em granito. Penetrantes e profundos olhos encapuzados, que me atravessam com intensidade. Sinceramente, é a melhor coisa do Japão. *Akio*. Seu filme favorito é *Duro de matar*. Ele só lê não ficção. E definitivamente tem um futuro brilhante, pois adora medir o gramado do quintal para garantir que não haja nenhuma graminha com mais de doze centímetros de altura. Ai, ai... Não sei por quê, mas acho tudo isso muito atraente. Akio já foi meu guarda-costas. Agora, ele é só meu.

*Grr.*

Tamagotchi se coloca na minha frente, com os dentes à mostra. Seu ódio por Akio é diretamente proporcional ao meu amor. *Amor*. Será que o amo? Sei lá. Só sei que gosto muito dele. E também sei que Akio é como um lar para mim. Seguro. Confortável. Tranquilo. Não importa para onde eu vá ou o que eu faça, sou como um bumerangue: é para ele que quero voltar, é nele que estou sempre pensando. Isso é amor?

Tamagotchi se debruça para a frente, com os pelos eriçados. Akio estreita os olhos para ele, e minha mãe o pega no colo.

— Quietos, cachorro malvado — ela o repreende com uma voz doce.

Ele se contorce, mas ela o segura firme.

Akio faz uma reverência.

— Sra. Tanaka. — Então se endireita devagar e dá um passo à frente, silencioso. Discreto.

— Bem... Vou deixar vocês dois à vontade. Tenham uma boa noite. — Ela diz e depois faz uma curva no corredor, desaparecendo com Tamagotchi.

Akio para a centímetros de mim.

— Tem certeza que seu cachorro tomou todas as vacinas? E sua mãe está bem?

— Tamagotchi e minha mãe estão ótimos — digo, alisando suas lapelas.

Ele tem poucas roupas formais, mas usa paletó e camisa toda vez que me visita no palácio.

Dou um jeito de enfiá-lo no meu quarto. Paramos perto de um aparador laqueado, incrustado com crisântemos dourados. Acima dele, há alguns porta-retratos, incluindo uma foto minha com as meninas. Sim, Hansani usa reluzentes aparelhos fixos em todos os dentes. Sim, estamos todas de conjuntinhos jeans. E sim, estou com permanente no cabelo.

Também há um *waka*, um poema, que Akio escreveu para mim.

*Agora entendo*

*Claramente*

*Contra o vento, chuva, granizo*

*Parei de acreditar no amor*

*Até ver as folhas caindo*

Poesia é meio que o nosso lance. No começo, éramos inimigos mortais. Akio me deixou *maluca* com seus cronogramas, sua vibe de romance gótico e seus vinte centímetros de altura a mais que eu.

Mas, agora que somos um casal, nossa dinâmica é de princesa amorosa e divertida com ex-guarda-costas rude que virou um piloto promissor e que só mostra seu lado fofo para os mais chegados. Funciona superbem para mim.

Olho Akio maliciosamente, chego muito perto e belisco seu queixo.

— Veio aqui fazer o que não deve? — pergunto.

Ele me avalia com olhos ardentes.

— Com Reina nos vigiando? — Ele indica com a cabeça o jardim escuro, onde Reina está de guarda.

Minha nova guarda-costas usa terno preto e já admitiu ter deixado um homem inconsciente usando apenas o rabo de cavalo dele. E é por isso que ela usa o cabelo curto.

Mordo o lábio.

— Exótico, mas não. — Eu deveria ter fechado as cortinas, por precaução.

Suspiro, me afastando dele e seguindo para uma mesinha abaixo da janela, com um tabuleiro de Go e duas cadeiras. Seguro o encosto de uma delas.

— Revanche?

Ele abre um sorrisinho.

— Estou dentro. — Tira o paletó e esvazia os bolsos, colocando suas coisas ao lado do tabuleiro. Celular. Chaves. Carteira.

— É minha vez de começar — digo, puxando um pote de madeira com pedras pretas.

Akio inclina a cabeça e pega o pote de pedras brancas.

— Quem perde sempre começa a partida seguinte.

Eu nunca ganhei dele. *Até agora*. Passamos a maior parte do verão nesta mesa, disputando território. Os olhos escuros de Akio brilhando toda vez que ele avaliava cautelosamente sua estratégia, e então assumindo um toque provocante quando ele ganhava. Mas esta noite seu reinado de terror chegará ao fim. Estou pronta pro ataque.

Ele arregança as mangas. Seus antebraços são grossos e cheios de veias.

— Música? — ele pergunta, percorrendo as opções no celular.

— Só se você prometer não cantar.

A voz de Akio é grave e melódica. Só que, quando ele canta, vira o oposto — uma mistura de latido de foca com o pio de uma gaivota estrilando.

Sua expressão é brincalhona, quase infantil.

— Não prometo nada.

— Nada de música, então.

— Está bem — ele concorda, sério.

O jogo começa. Meus lances de abertura são agressivos. Akio esfrega os dedos em uma pedra branca.

— Indo direto pro ataque? — ele murmura.

— Fale menos, jogue mais.

Ele estala a língua, mas acha graça, os olhos acendendo.

— Sempre a primeira a ir com tudo.

Em oito lances, capturei duas pedras de Akio e ocupei suas liberdades. Seu bom humor se foi e ele se inclina para a frente, com as sobrancelhas franzidas — feito um samurai planejando o próximo golpe. Seis lances depois, Akio capturou cinco pedras minhas, jogando-as na pilha de prisioneiras. Provoco-o durante a partida

inteira. “Tem certeza que quer fazer isso? Estou dentro da sua mente. *Tsc*, esse é o pior lance que você podia ter feito.” Há uma diferença gritante entre nossos estilos de jogo. Akio é metódico. Controlado. Já eu sou desenfreada. Gosto de arriscar. Ele é frio como gelo, e eu sou incontrolável como fogo.

A partida termina uma hora e meia mais tarde. Foi acirrada. As pedras pretas ficaram com vinte e quatro pontos. As brancas, com vinte e três. Um sorriso pra lá de exagerado levanta as minhas bochechas.

— *Mairimashita*. — “Eu perdi”, ele fala, baixando a cabeça de leve.

— *Arigatō gozaimashita*. — “Obrigada”, respondo educadamente, aceitando sua admissão.

— *Arigatō gozaimashita* — ele responde.

Após as formalidades, Akio recosta na cadeira com as pernas abertas e uma expressão perplexa. O que foi que aconteceu?

Mordo o lábio, contorno a mesa e sento no colo de Akio, pendurando os braços ao redor de seu pescoço.

— Você parece arrasado. Sei o quanto gosta de ganhar.

Ele coloca as mãos na minha cintura.

— Sim, eu adoro ganhar. — Faz uma pausa. Seu dedão se move devagar pelo meu quadril. — Mas prefiro ver você sair por cima.

— Esta — dou um suspiro — é uma boa resposta.

— Rabanete — ele diz.

Derreto ao ouvi-lo me chamando assim. Esse era o meu codinome. Pensei que ele estivesse zombando de mim quando aceitei um crisântemo de rabanete do chef do aeroporto. Então, admiti para Akio que odiava rabanete, e o que ele disse? “O

rabanete é um vegetal maravilhoso”, num sussurro, com um olhar firme. “O meu favorito.”

Agora, ele me olha daquele mesmo jeito.

— Reina saiu. — Não chega a ser um sussurro, mas é tão suave quanto.

Nos aproximamos um do outro. Um novo silêncio paira entre nós, se expandindo com a expectativa no ar, como se uma tempestade estivesse prestes a cair. Ele me beija, esfregando o nariz no meu. Abro um pouco os lábios, pronta. *Desejando*. Meu corpo, assim tão perto de Akio, emana um calor discreto. Somos uma fusão, dois átomos colidindo.

Mount Shasta, meu lar, onde a Família Arco-Íris se reúne de junho a agosto para se refestelar pelada no sol, viver em comunidade e enfeitar o cabelo com flores já era. Este ano, o amor de verão é em Tóquio.

## 2

No dia seguinte, às dez da manhã em ponto, a família imperial e sua corte visitam a Universidade de Tóquio para conhecer o campus. Estou com o sr. Fuchigami de um lado e um aluno da pós-graduação com cara de criança — nosso guia —, do outro. Uma comitiva inteira vem em seguida. Entre os presentes estão minha mãe e meu pai, com seu escudeiro e camarista, o reitor da universidade e seu assistente, Reina e um bando de guardas imperiais. Somos muitos. Akio, que eu trouxe para servir de apoio emocional, acabou ficando para trás.

O campus é uma mistura de arquitetura moderna com prédios antigos de pedra. A caminho dos dormitórios, o sr. Fuchigami fica tão animado que parece até uma criancinha que acabou de ganhar doces.

— Este prédio é novinho — meu camarista diz. — É tão lindo! Não acha, Sua Alteza?

Sorrio placidamente.

— É maravilhoso.

Meus pais e o resto da comitiva se separam da gente. Algo a ver com o limite de peso e um protocolo que impede a entrada de dois membros da família imperial no mesmo elevador, sabe, caso algum cabo quebre e a coisa despenque. Mas Reina e Akio estão comigo.

Enquanto subimos, nosso guia fala sobre os eventos da comunidade — festas fechadas, noites de karaokê e até um clube de bandeiras.

— Eu era membro do clube quando estava na graduação — o aluno da pós me confidencia, com um sorriso maroto. — E devo admitir, às vezes é bem intenso. No ano em que eu saí, decidimos inserir bandeiras fictícias, começando pelas da Frota Estelar. — Diante da minha falta de reação, ele esclarece: — *Star Trek*. Sou um grande fã.

Akio cobre a boca para abafar uma tosse e noto Reina sorrindo antes de voltar sua atenção para o piso laminado.

— Que divertido — o sr. Fuchigami diz, com os olhos brilhando.

As portas do elevador enfim abrem. Nos reunimos com o restante do grupo — meus pais, o reitor e os outros — e nos esprememos no corredor.

— Espere aqui — Reina manda, então abre passagem para entrar no dormitório. Sorrio para o guia, como se tudo isso fosse normal. — *Akio-san* — ela murmura, chamando-o. Juntos, eles inspecionam o minúsculo espaço, abrindo e fechando o guarda-roupas, acendendo e apagando as luzes, girando a fechadura da porta.

Eles se reúnem para discutir os riscos e os dispositivos de segurança — paredes de concreto e janelas de vidro duplo que não são à prova de balas. Que pena. Atrás de mim, meus pais apenas observam, entretidos. Akio coloca a mão na maçaneta e bate na madeira, afirmando:

— É oca.

Reina assente e corre a unha bem-feita pela madeira falsa.

— Não impediria um invasor de entrar.

A mandíbula de Akio tensiona. Seus olhos cintilam sabedoria.

— Quantas invasões foram reportadas no ano passado? — Ele dá um passo na direção do guia, interrogando-o, com todo seu porte de herói.

— Não sei — o rapaz hesita, franzindo as sobrancelhas de nervoso. — Eu teria que averiguar.

— E quanto aos incidentes que resultaram em boletins de ocorrência? — Reina pergunta.

— Hum, não sei dizer. — O rosto do guia fica vermelho, lembrando a cor dos tomates-cereja que cultivávamos na nossa horta em Mount Shasta.

— E os seguranças? — Akio acrescenta.

Akio e Reina estão deixando aquela energia de assassino de aluguel deles correr solta agora. Os dois encaram o pobre guia baixinho por um longo e desconfortável instante enquanto ele pensa no que responder.

Nada. O estudante não tem nada para falar.

O reitor dá um passo à frente, abrindo as mãos em um gesto amigável.

— O campus é muito seguro, posso garantir.

— Ainda assim eu gostaria de ouvir as respostas — meu pai diz, com séculos de sangue imperial exalando em seu tom.

Meu Deus. Fecho os olhos e quando volto a abrir o reitor está no meio de uma reverência.

— Claro, Sua Alteza. Entregarei os números para o senhor esta tarde — ele afirma com uma deferência abjeta.

— Quando a princesa decidir onde estudará, os guardas imperiais deverão fazer uma reunião com os seguranças do campus e a

polícia. Ela terá a própria escolta, mas gostaríamos de cooperar tanto quanto possível com as autoridades locais — Reina proclama.

O reitor inclina a cabeça e promete seguir todos os protocolos imperiais. Em seguida, vira para mim e diz:

— Sua Alteza, espero que a senhorita considere a Universidade de Tóquio como um lar, já que seu pai e o pai dele se formaram aqui. Tenho certeza de que deseja que o legado continue.

Respiro fundo. Abro um sorriso robótico e junto as mãos, abaixando a cabeça em uma reverência.

— Seria uma honra — digo, com a voz controlada. Mas, por dentro, meu estômago está se contorcendo.

O reitor me convida a explorar o dormitório à vontade e começa a conversar com meus pais.

Dou uma volta no quatinho. Ele tem um cheiro rançoso e de algo que não consigo reconhecer direito — uma combinação de roupas sujas com comida passada. No geral, o cômodo é bem básico, com um pequeno guarda-roupas, uma cama e uma escrivaninha. Mas dá para ver que foi enfeitado para a visita imperial. Uma faixa de boas-vindas está pendurada na parede. Há folhetos dos programas do campus — pelo visto, eles apostam mesmo em assuntos esotéricos e inofensivos. Meu pai se formou em transportes medievais. Os integrantes da família imperial não devem estudar nada que seja controverso demais, como ciências políticas ou cursos que impliquem planos de carreira. Não podemos receber salário. Até mesmo se eu quisesse ser médica como Noora, ou farmacêutica como Glory, ou advogada ambiental pro bono como Hansani, seria proibida de estudar. Ser princesa é escolher um estilo de vida. De

repente, me dou conta de como vai ser se eu decidir seguir esse caminho. As limitações. As altas expectativas.

A janela tem uma boa vista para o campus. Abro a cortina fina e observo os estudantes caminhando pelo pátio com o queixo erguido, cheios de propósito. Será que eu poderia fazer o mesmo pelos próximos quatro anos? Aliás, isso é realmente o que eu *quero*? Até onde sei, o ano sabático ainda é uma opção. Tento imaginar como seria voltar para os Estados Unidos. O que eu faria lá?

— Por curiosidade... — Akio está ao meu lado. — Você ainda não curte a ideia de ter rastreadores no seu celular?

Solto a cortina.

— Não vou nem me dar ao trabalho de responder.

Quando cheguei ao Japão, Akio colocou um rastreador no meu celular. O que não foi nada legal. Mesmo que fosse uma prática comum, eu falei que jamais aceitaria — minha vida, minhas regras.

Ele faz uma careta.

— E você não fez nenhum treinamento de defesa pessoal recentemente, certo?

Dou uma gargalhada.

Subitamente, a conversa no corredor para. Todos os olhos se voltam para mim, questionadores. Minha mãe: “O que é tão engraçado?”. Meu pai: “Gostou do quarto?”. Reitor: “Gostou da universidade?”. Sr. Fuchigami: “Já estou com a inscrição aqui. Quer ajuda para preenchê-la?”.

Preciso de um tempo.

— Mãe — digo. — Li que o novo prédio de economia daqui é de última geração e tem uma certificação Leed Gold. O dispositivo de

coleta de água da chuva presente no telhado fornece setenta por cento da água do prédio. Por que você não vai lá dar uma olhada?

O rosto dela se ilumina e o do meu pai amolece. Ela ama sustentabilidade, e está cada vez mais claro que meu pai a ama.

— Eu adoraria, mas... — Ela olha para mim. — Sério? Tem certeza disso? Esta visita não é pra mim. Tudo bem mesmo? — Então ela vira para o meu pai, que, por sua vez, vira para o reitor.

O homem faz uma reverência profunda.

— Claro, claro. Peço desculpas por não termos preparado uma visita ao prédio de economia. Por aqui, por favor. — Ele abre a mão e gesticula para que meus pais o sigam.

— Tem certeza que não se importa, Zoom Zoom? — minha mãe me pergunta, já a caminho do elevador.

“Pode ir”, faço com a boca.

Eles vão. O guia, Reina e parte da escolta imperial ficam, perambulando pelo corredor. Atravesso o cômodo e aceno para Akio, que fecha a porta. Parte da pressão nas minhas têmporas se ameniza na tranquilidade e no silêncio do quarto. Me apoio na janela e inspiro o ar abafado.

Akio se aproxima.

— O que achou? — pergunta, baixinho, observando meu rosto.

Tenho que confessar que também me sinto pressionada por ele. É como se eu tivesse que me estabelecer em algum lugar, fazer alguma coisa. Tomar uma decisão sobre o que quero para a minha vida. Qual é a vida que sonhei para mim, afinal? Tendo crescido nos Estados Unidos, quando mais nova, eu nunca via crianças que se parecessem comigo nos livros, nos videogames, na TV. O que eu via eram estereótipos — de orientais bons em matemática, nos estudos,

dedicados ao trabalho. Versões muito restritas de mim mesma. Agora, meu mundo se expandiu. Posso ter qualquer coisa num piscar de olhos, mas ainda preciso cumprir regras. Afinal, sou uma princesa. Não posso fazer o que quiser. A faculdade, por exemplo. Posso até escolher o que vou estudar, mas tenho que respeitar alguns parâmetros predefinidos. Será que a vida sempre tem restrições? Crescer é isso?

— Está suando? — Ele pega o lenço, mas balanço a cabeça.

— Akio... — Olho fixamente para a cama. Há uma etiqueta no colchão novo. — Você sempre soube que queria ser piloto?

Ele pensa na pergunta por um tempo.

— Bem, quando eu tinha cinco anos, queria ser um tiranossauro rex, então não. Mas quando meu pai me deu meu primeiro aviãozinho, eu soube. — Imagino o quarto de infância de Akio cheio de aviõezinhos. Sua jornada não foi sempre linear, mas, de alguma forma, ele conseguiu chegar aonde queria.

— O que você queria ser quando era pequena? — Akio pergunta.

— Uma vez, fingi ser um pote de creme azedo por uma semana inteira.

Sorrio. Ele sorri de volta.

— A verdade é que está sendo muito difícil decidir o que quero fazer. Tipo, qual é a minha paixão além de comer e dormir? — Era para ser uma piada, mas fracasso completamente. Suspiro.

— Talvez você devesse começar excluindo o que não quer fazer. — Akio pega um folheto, dá uma olhada e mostra para mim. — Por acaso você teria interesse no fascinante campo dos moluscos? Parece ser um curso bem maleável. — Ele se balança, tentando fazer graça. — Se é que você me entende.

Franzo o nariz.

— Passo. — Nossa, não consigo nem achar graça em uma boa piada.

— Tem certeza? — Ele arqueia a sobrancelha. — Estou quase certo de que seu tio-avô fez uma tese sobre ouriços-do-mar no doutorado. — Nego mais uma vez. Ele abaixa o folheto. — Você está indo bem. Menos uma coisa na lista. — Ele pega outro folheto. — Egiptologia? Uma das disciplinas obrigatórias é “Magia e Medicina na antiga Babilônia”. Na verdade, isso é bem interessante.

— Maldições e múmias demais pro meu gosto — declaro.

— Verdade — ele murmura, colocando o folheto de Egiptologia sobre o dos moluscos. — Ah, ciência mortuária.

— Isso não pode ser de verdade. — Arranco o folheto dele. É do departamento de Inglês.

Ele dá de ombros.

— Você só precisa descobrir o que te dá frio na barriga.

Abro um sorriso afetado.

— O que me dá frio na barriga?

— Rabanete. — Sua voz é grave e exuberante, como um toque de veludo em minha pele.

Ele se coloca na minha frente, pega minha mão, aperta-a e me solta. Um toque fugaz, mas reconfortante.

— Eu nem sei se quero estudar — digo, franzindo as sobrancelhas de forma exagerada.

Ele sorri.

— Você vai descobrir. Acredito em você. Siga seu coração.

*Você age com o coração.* Ele me falou isso uma vez. É minha tendência natural, e ela nunca falhou antes. Mas o que meu coração

quer? Para onde ele está indo?

No final da visita, vamos até o prédio de economia para encontrar minha família. Um bando de guardas imperiais nos cerca. Meus pés estão cansados e doloridos. Estou pronta para ir para casa.

— E você, Kobayashi-san? — o guia pergunta para Akio. — Também está interessado na Universidade de Tóquio?

— Não. — Ele abotoa o paletó e observa o pátio. — Eu renunciei à guarda imperial recentemente e me juntei à Força Aérea de Autodefesa. Estou na Escola de Candidatos a Oficiais em Nara.

Logo minha mãe vai embora e Akio vai voltar para a Força Aérea. É um golpe duplo. Acho que o outono vai ser bem solitário por aqui.

O guia franze os lábios, desapontado.

— Então é verdade o que os tabloides dizem. Você é só um cadete?

Estremeço. Isso é sério?

— Sim, só um cadete — Akio responde com o tom neutro.

Meus pais saem do prédio de economia. Câmeras disparam. Atraímos uma multidão. Meu pai se junta a mim e vamos um pouco para o lado, desviando a atenção do público de minha mãe e Akio. Ficamos juntos e deixamos que os fotógrafos façam seu trabalho. No mesmo instante, somos atingidos por cliques e flashes e perguntas. *Princesa Izumi, a senhorita já preencheu sua inscrição para a Universidade de Tóquio? Príncipe herdeiro Toshihito, está orgulhoso por sua filha estudar na mesma universidade que o senhor?*

Ignoramos todos.

— Fico feliz por termos um momento para nós — meu pai fala só para mim.

— Ah, é? — Sorrio e aceno para uma mãe carregando um bebê de macacão xadrez. Ela segura o pulso gorducho dele e acena de volta para mim. O bebê faz uma careta, seus olhos se enchem de água e ele solta um poderoso lamento. *Ok.*

— Decidi pedir sua mãe em casamento — meu pai simplesmente solta.

Esqueço o que estou fazendo e encaro-o boquiaberta.

— Sério?

Mais câmeras disparam.

— Sério. — Seus olhos escuros cintilam sob o sol de fim de tarde. Ele parece feliz. Ultimamente, meus pais andam adaptando meus bordões favoritos: “Completo desastre”, “Demônio do caos”, “Sou um vazio sem alma”. É um pouco aterrorizante, mas também gratificante, ser o alvo de suas piadas internas.

— Que rápido — digo.

Os dois namoraram na universidade, mas só voltaram a se ver anos depois. Estão juntos há apenas algumas semanas. Será que ele está fazendo isso para evitar que minha mãe vá embora?

Ele curva os lábios para baixo.

— Você não aprova?

— Não, não é isso — me apresso a dizer.

Estou em um beco sem saída. Quero muito que isso se torne realidade. E acho que minha mãe também. Só que não tenho certeza de nada. Fico sem reação, vendo meu retrato de família ser rasgado e levado pelo vento.

Antes que eu tenha chance de me explicar, meu pai fala:

— Não é rápido. Pelo menos, não para mim. Penso na sua mãe há anos, esperando pelo momento certo. E não quero esperar mais. Mas ouça... — Ele baixa a voz. — Não vou fazer nada sem a sua bênção. Nos sentimos como uma família nestas últimas semanas. Minha grande esperança é que isso seja permanente.

*A minha também.* Tenho certeza de uma coisa: minha mãe ama meu pai. E meu pai ama minha mãe. Algumas coisas são simples assim.

— Claro que vocês têm a minha bênção.

— Sério?

Levo a mão ao peito, sentindo o coração bater loucamente com a súbita promessa de eu ter tudo o que sempre quis: amor, uma família, uma segunda chance de sermos felizes para sempre. Meu Deus, como quero que minha mãe diga sim. Que ela nos escolha. Que fique em Tóquio.

— Sério.

— Excelente. Amanhã, então.

Uau. Ele não quer mesmo perder tempo.

— Onde você vai fazer o pedido? Acho que você podia usar...

— A estufa — ele me interrompe.

— Exatamente — concordo.

Sorrio e volto a atenção para nossa plateia e os paparazzi, me concentrando em um toldo salpicado de excrementos de pássaros acima da cabeça deles.

*A estufa.* Foi a primeira coisa que meu pai me mostrou quando cheguei. Eu não sabia naquela época, mas ele a construiu para a minha mãe, enchendo-a de suas flores favoritas: orquídeas. Eu já

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um sonho em Tóquio (Uma Princesa em Tó..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).